

O avesso da pele

Jeferson Tenório



COMPANHIA DAS LETRAS

SLIP

1.

Às vezes você fazia um pensamento e morava nele. Afastava-se. Construía uma casa assim. Longínqua. Dentro de si. Era esse o seu modo de lidar com as coisas. Hoje, prefiro pensar que você partiu para regressar a mim. Eu não queria apenas a sua ausência como legado. Eu queria um tipo de presença, ainda que dolorida e triste. E apesar de tudo, nesta casa, neste apartamento, você será sempre um corpo que não vai parar de morrer. Será sempre o pai que se recusa a partir. Na verdade, você nunca soube ir embora. Até o fim você acreditou que os livros poderiam fazer algo pelas pessoas. No entanto, você entrou e saiu da vida, e ela continuou áspera. Há nos objetos memórias de você, mas parece que tudo que restou deles me agride ou me conforta, porque são sobras de afeto. Em silêncio, esses mesmos objetos me contam sobre você. É com eles que te invento e te recupero. É com eles que tento descobrir quantas tragédias ainda podemos suportar. Talvez eu deseje chegar a algum tipo de verdade. Não como um ponto de chegada. Mas como um percurso que vasculhe os ambientes e dê início a um quebra-cabeça, um

quebra-cabeça que começa atrás da porta da sala, onde encontro um alguidar de argila alaranjada. E, dentro dele, uma pedra, um ocutá, enrolada em guias de cores vermelhas, verdes e brancas, um orixá. Observo-a com cuidado. É assim que se adentra numa vida que já se foi. Tiro o ocutá do alguidar. Lembro o dia em que você me disse que sua cabeça era de Ogum, e que isso era ter sorte, porque Ogum era o único orixá que sabia lidar com os abismos. Lembro que foi de sua boca que escutei pela primeira vez a palavra “abismo”. Há palavras que guardamos na infância porque nos confortam. Lembro agora do que minha tia Luara havia me dito para fazer quando encontrasse o seu Ogum. *Enrole-o num pano, segure-o entre as mãos e leve-o para o rio*, ela me disse. No entanto, antes de sair, vou ao seu quarto, observo da porta: há roupas espalhadas, outras jogadas dentro do armário. Sobre a mesa, há canetas sem tinta, meias sem par misturadas a notas de supermercado. Há cadernos e papéis. Há pastas com provas e redações dos seus alunos. Teu caos me comove. Olho para tudo isso e percebo que serão esses objetos que vão me ajudar a narrar o que você era antes de partir. Os mesmos utensílios que te derrotaram e que agora me contam sobre você. Os objetos serão o teu fantasma a me visitar.

2.

Você caminha até o fundo da sala onde está o aluno que levantou a mão e, ao se aproximar, ele diz que precisa sair. Você percebe que o rapaz não parece bem. Ele está pálido e com os olhos vermelhos. A turma está em silêncio, alguns atentos aguardando a reação do professor. No entanto, antes mesmo que você pense em dizer algo, o menino projeta o corpo para a frente e vomita em cima de você. Agora a turma inteira olha na sua direção. Alguns riem. O rapaz tosse e ainda vomita mais um pouco. É o seu segundo ano naquela escola e, dentre muitas coisas vividas ali, naquele dia você aprendeu que, quando um aluno pálido, com olhos vermelhos, levanta a mão pedindo para sair durante uma prova, é bom não chegar muito perto e deixá-lo ir. Depois do rapaz ser atendido, você vai até o banheiro, evitando olhar para a própria camisa, porque não quer identificar que tipo de alimento seu aluno ingeriu no café da manhã, mesmo que o cheiro nauseabundo lembre algo como café com leite. Nesse momento, você recorda das vezes em que teve ânsia de vômito na escola. Foram muitas, aliás. O estômago sempre foi a parte

mais sensível do seu corpo. Quando você tinha doze anos, sentiu, pela primeira vez, aquilo que anos mais tarde você aprenderia a chamar de ansiedade. No início, era apenas um incômodo, mas logo surgia o suador nas mãos, os tremores, os calafrios e por fim a náusea. Na sexta série, você teve seu primeiro ataque de ansiedade por causa de um buraquinho no assoalho e também porque ouviu do professor de ciências que o sol iria explodir dali a alguns tantos bilhões de anos. Seu corpo estremeceu quando você soube que o fim do mundo era real. Então você passou semanas sofrendo pela humanidade, pelos astros, pelos planetas e pelo sistema solar. Você passou a sofrer por aqueles que viriam depois, sofreu antecipado por todas as gerações seguintes. A morte tomou um contorno cósmico e assombroso para o qual você não estava preparado. Lembrou-se também do dia em que, aos vinte e um anos, parou na frente do espelho e entendeu que a vida era caótica e não tinha muito sentido. Você volta. Seus alunos não estão mais fazendo a prova. E ainda paira o azedume de vômito no ar. Já mandaram chamar alguém da limpeza, mas você sabe que vai demorar, porque aquela é uma escola pública da periferia de Porto Alegre e há poucos funcionários ali. Há poucos recursos. Os alunos estão inquietos e tudo que querem é que você cancele a prova. Mas é preciso ser duro. Você tem trinta anos e precisa mostrar que é um professor experiente e durão. *Façam a prova e aguentem no osso. Se isso aqui fosse um quartel, vocês iriam ver o que é bom pra tosse.* Na verdade, você não consegue ser um professor durão e também nunca serviu no Exército. Aos dezoito anos você tinha uma úlcera no estômago que te impediu de servir. Você lembra de quando um sargento mandou você e os outros garotos tirarem a roupa e depois disse para todos vocês ficarem de quatro, e após instantes vocês se entreolharam e alguns até chegaram a fazer menção de baixar e ficar de quatro

risada sarcástica do sargento dizendo que era só uma brincadeira e que era para porem a roupa de volta, porque todos vocês iam jurar a bandeira. Disse ainda que o Exército precisava de homens fortes e não de *mariquinhas magricelas iguais a vocês*. Na época, seu estômago tinha uma ferida de meio centímetro. Quem nunca teve uma ferida de meio centímetro dentro de si, talvez pense que não seja grande coisa. Entretanto, você sabia o que era ter uma ferida de meio centímetro, sem ter plano de saúde nem dinheiro. Na época, você tinha dezoito anos e pesava quarenta e três quilos. Você então lembra da primeira endoscopia que fez, sem anestesia, num hospital público de Porto Alegre. Te deram um comprimido que apenas deixou a metade da sua língua dormente. Depois enfiaram pela sua boca um caninho pouco mais grosso que um canudo, de mais ou menos dez centímetros de comprimento. Você pensou que ia morrer sufocado. Enquanto seu esôfago era exibido na telinha de um aparelho, você lembrou as doze horas de jejum que tivera de fazer até te botarem numa maca e te mandarem esperar por mais duas horas, num corredor. Você estava a ponto de desmaiar e não sabia se de fome ou de fraqueza, pois sua úlcera não te deixava comer, não te deixava beber e nem dormir. Na época, você tinha dezoito anos e ainda era virgem. Durante a cerimônia vocês levantaram o braço direito, e precisavam mantê-lo erguido até que todo o Hino Nacional fosse cantado. No entanto, você parecia estar mais fraco nesse dia, mais do que nos outros. O sargento passou entre vocês e gritou para levantarem *o braço mais alto, porra*, que jurar a bandeira era uma coisa séria e que quem não fizesse direito ia passar a noite numa cela do quartel. Quando ele diz isso, você lembra que um dia já tinha sido algemado como um bandido. Isso aos catorze anos, quando você estava num ponto esperando o ônibus, em Copacabana, para ir encontrar seu padrasto. Foi então que um ônibus parou e dele desceram alguns

moleques que apontaram para você dizendo: *foi ele, foi ele*. Você não tinha a mínima ideia do que estava acontecendo, e num impulso decidiu correr e, ao olhar para trás, viu um monte de gente correndo atrás de você. E por instinto de sobrevivência você entrou numa galeria de lojas, na rua Barata Ribeiro. Você entrou no primeiro lugar aberto que encontrou: uma igreja evangélica Assembleia de Deus. Aos trinta anos você até pensou que deveria ter se tornado pastor para retribuir sua salvação. Você entrou e se escondeu atrás de um dos bancos. A igreja estava vazia. Ficou ali, quieto, esperando, escutando a própria respiração. Mas então ouviu gritos: *ele tá aqui, ele tá aqui*. E de repente a igreja foi invadida por sabe-se lá quantos daqueles moleques sedentos por vingança. Um deles te achou e te apontou. Em instantes vieram todos para cima de você. Socos e chutes na cabeça, na barriga e no rosto, até você começar a sentir o gosto enjoativo do sangue. Você não ofereceu nenhuma resistência, apenas se colocou em posição fetal e tentou dizer: *eu não fiz nada*. Depois começou a perder os sentidos. Então alguém sacou uma arma e apontou para a sua cabeça, você ainda pode ouvir um deles gritando: *nós vamo te passar, neguim, tu vai morrer agora, neguim*. No entanto, antes que te matassem, porque não era ali que você morreria, você foi milagrosamente salvo por um dos pastores da igreja. Ele interveio dizendo: *pelo amor de Deus, gente, em nome de Jesus, respeitem a casa do Senhor, vocês não vão matar ninguém aqui dentro*. E, por algum outro milagre, aqueles moleques todos pararam de te bater e se afastaram. A igreja foi esvaziada. Você não chorou porque não teve tempo para isso. Você apenas sentia uma enorme dor na cabeça e percebia que um de seus dentes da frente estava mole, sabia que poderia perdê-lo e por isso evitava passar a ponta da língua nele. Você foi levado algemado para uma delegacia. Foi a primeira vez que você sentiu o ferro frio de uma algema nos pulsos. Ao seu redor,

peessoas te xingavam e te chamavam de ladrão e ainda diziam que daquela você não escaparia. Somente na delegacia as coisas foram esclarecidas: você havia sido confundido com um bandido. (Acharam que você tinha roubado o boné de um daqueles moleques.) E ser confundido com bandido vai fazer parte da sua trajetória. E você vai custar a compreender por que essas coisas acontecem. Finalmente o Hino Nacional terminou e seu braço pôde descansar. Você não via a hora de voltar para casa. Acontece que não tinha dinheiro para voltar para casa. Sabia apenas que teria de passar por baixo da catraca do ônibus. Mas não, você não ia fazer isso. Você estava com dezoito anos, pesava quarenta e três quilos, tinha uma úlcera no estômago, mas ainda tinha dignidade. Você vai entrar e sentar no fundo do ônibus. Quando chegar o mais próximo da sua casa, você vai levantar e descer correndo, sem pagar. O sinal da saída toca. Os alunos levantam e te entregam a prova. Você não está bem. Após alguns períodos e um vômito na camisa, você só quer ir para casa, tomar um banho e descansar. Mas você não pode fazer isso, porque tem mais dez períodos de cinquenta minutos pela frente. Você se transformou numa máquina de dar aulas. Numa máquina de dar explicações. Numa máquina de *ei, já pedi silêncio*. Numa máquina de *ei, preste atenção*. Uma máquina de *não pode ir ao banheiro agora*. Numa máquina de paciência para não espancar aqueles alunos que não querem saber nada de orações subordinadas. Você também não quer saber de orações subordinadas. Mas escola foi feita para isso. Foi feita para aborrecer os alunos. E você sabe que é parte dessa chateação. A cada turma que você entra, a cada hora gasta da sua vida, você vai sentindo que está no lugar errado. Você precisa ser honesto consigo mesmo: você não sabe como se tornou professor. A maioria das coisas importantes na sua vida parecem ter acontecido alheias a sua vontade. Você mal se lembra do vestibular que fez para o curso de letras, na única

universidade que você conseguiria pagar. E você só frequentou uma faculdade porque trabalhou como office boy durante um ano num escritório de advocacia, no bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre. Lembra o dia em que um dos sócios foi entrevistá-lo para a vaga, você tinha dezenove anos. Ele se chamava Bruno Fragoso. Tinha quarenta e dois anos. Era um homem baixo, calvo, de rosto anguloso e, embora não fosse fumante, tinha voz rouca de fumante. Ele te fez esperar por quarenta minutos, porque queria parecer ocupado e importante, no entanto, anos mais tarde, você descobriria que ele, na verdade, ficava na frente do computador jogando paciência ou vendo pornografia. Depois do tempo de espera, Bruno apareceu, apertou sua mão, sentou-se na sua frente e ficou te observando. Você tinha dezenove anos mas ainda não sabia muita coisa sobre autoestima, nem sobre se valorizar e essas coisas necessárias para manter a sanidade, por isso você não conseguia olhar por muito tempo nos olhos dele. Bruno percebeu isso. Você era tudo que ele precisava. Você era uma presa fácil. Assim, com total domínio da situação, Bruno disse, com muita naturalidade, que não gostava de negros. Você levantou os olhos. Bruno não se intimidou e repetiu a frase: *não gosto de negros*. Talvez ele esperasse alguma reação sua. Mas nada aconteceu. Você permaneceu imóvel. Depois, Bruno se ajeitou melhor na cadeira e justificou: *não gosto porque, quando eu tinha um sítio em Garibaldi, um casal de negros, que trabalhavam para mim como caseiros, me roubou. Levaram tudo que eu tinha na minha casa. Desde então, não confio mais em negros*. Até aquele momento você nunca havia sofrido racismo, assim, tão descaradamente, não que você se lembre. Mas você não se chocou, pois uma espécie de inércia tomou conta do seu corpo, você não sabia reagir. Na época, você nem sabia muito bem o que significava ser negro. Não havia discutido nada sobre racismo, nada sobre negritude, nada sobre nada. Na-

quele momento você era apenas um corpo negro. Mas no fundo sabia que estava diante de um escroto. Mesmo assim você não reagiu. Bruno seguiu com a entrevista, disse que ia te dar uma chance, porque achava que podia te salvar das drogas, mesmo que você nunca tivesse experimentado drogas. Ele também queria te salvar das armas e da violência. Bruno ainda acreditava que, se todo empresário fizesse sua parte, o Brasil já teria tomado jeito. Se alguém te perguntasse como você tinha sobrevivido até ali, com tantas chances que a vida tivera para te matar, provavelmente você pensaria que tudo não havia passado de um mero acaso, o mesmo acaso que um dia tinha levado sua mãe, caixa de um supermercado em Bangu, no Rio de Janeiro, no ano de mil novecentos e setenta, a se apaixonar por seu pai, fiscal do mesmo supermercado. Sua mãe um dia te disse que se apaixonou por seu pai porque ele era parecido com o jogador Rivelino. *Aquele bigode preto, grosso e bem cuidado. Aquele sorriso tímido e aqueles olhos de quem está sempre pedindo alguma coisa.* Ele era um homem de poucas palavras e sua mãe gostava de homens de poucas palavras. Um acaso os aproximou e a atração fez com que sua mãe encontrasse a coragem suficiente para quebrar as regras conservadoras da época e, ela mesma, convidasse seu pai para sair e tomar uma cerveja. Mas seu pai não bebia, seu único vício era o cigarro. Sua mãe tinha vinte e dois anos e ainda era virgem. Quando disse isso ao seu pai, ele ficou olhando para ela como quem dizia que aquilo era impossível, que aquilo não podia ser. No entanto, sua mãe, ofendida, afirmou que era virgem. Seu pai desconfiou, depois riu e bebeu um gole de Sukita. Pôs o copo na mesa e olhou para ela com malícia e desejo. Pensou que havia tirado a sorte grande. Ele quis contar, dias depois, para o Amauri, que trabalhava na seção de hortifrúti, que sua mãe era virgem ainda, que ele tinha se dado bem, vejam só, uma virgenzinha nos dias de hoje. Mas, no fim, seu pai preferiu guardar aquele

segredo para si. Não era um homem de partilhar a intimidade. O namoro começou rapidamente e você vai nascer dali a um ano. Em poucos meses eles se casaram e foram morar num sobradinho, na Lapa. Mas, antes do casamento, foram até a casa da Mãe Teresa de Iemanjá. Uma mãe de santo do seu pai. Foram pedir a bênção dos orixás. No entanto, quem os recebeu foi o exu Zé Pelintra. *Vossumcês, mizifio, vão ter um fio de Ogum. A guerra vai fazer parte da vida dele, Mizifio.* E ele riu. Gargalhou. Na noite em que sua mãe se deitou com seu pai, na noite em que você foi gerado, os dois estavam em completa sintonia, era como se todos os planetas estivessem alinhados para eles. Estavam apaixonados, sentiam que algo importante iria acontecer com a vida deles, nada tinha o poder de detê-los. Bruno Fragoso dirigia o escritório com a irmã. Depois que você foi admitido, você percebeu que quem mandava mesmo no escritório era o Bruno. Isso vai fazer toda a diferença nos próximos meses em que você vai trabalhar ali. Nesse período, você ganhou peso, sua úlcera fechou e não havia mais uma ferida aberta no seu estômago, mas às vezes, quando você chora, quando lembra que pode chorar, você tem a sensação de que aquela ferida de meio centímetro sempre esteve dentro de você, desde o momento em que nasceu até a sua vida adulta. Bruno Fragoso era branco, rico, gostava de mulheres bonitas e carros importados, todo tipo de clichê possível para um homem branco e rico. O teu colega e amigo de infância, o Juarez, disse uma vez que ele era um babaca. E, depois de ouvir aquilo, sempre que vocês queriam falar do chefe, vocês usavam a palavra “babaca”. Juarez era branco, vindo do interior. Depois de terminar o ensino fundamental, tinha vindo tentar a vida em Porto Alegre e custara a conseguir o emprego naquele escritório. Vocês se conheceram na Escola Estadual Monsenhor Leopoldo Hoffmann, no período noturno. Você tinha dezessete, e o Juarez quinze. Ele veio para a capital, dei-

xando a vida pacata do município de Sertãozinho do Sul, porque não queria ser igual ao pai, queria estudar e sair de lá. Sua família era branca, a maioria das pessoas daquele lugar eram brancas, mas depois da morte da mãe do Juarez, poucos meses depois, o pai dele resolveu casar com uma bugra (como eles na cidade se referiam aos descendentes de índios). E foi aí que a família de Juarez descobriu que preconceito existia. Na cidade, ninguém entendia por que o pai de Juarez havia se casado com uma bugra, pois os indígenas e seus descendentes eram malvistas. Juarez e seus irmãos vieram embora porque achavam aquela cidade mesquinha demais para eles. Além disso, a pobreza sempre os espreitava. Sozinhos, e com o pouco de dinheiro que conseguiram juntar capinando pátio alheio, saíram de Sertãozinho do Sul. Ao chegarem na capital, eles não conseguiram logo um emprego. O dinheiro que trouxeram do interior terminou rápido. E, para piorar, a convivência entre os irmãos não era boa, principalmente depois que Juarez descobriu que Júlio, o irmão mais velho, tinha começado a vender drogas. Certo dia, eles discutiram, Juarez disse que *não foi pra isso que a gente veio pra Porto Alegre, não foi pra isso. E se o pai descobre uma merda dessas.* O irmão mais velho disse para ele não se meter, que só estava tentando sobreviver. E foi nesse dia que o Juarez viu uma arma pela primeira vez na vida. Um revólver trinta e oito. E ele estava na cintura do irmão. Juarez custou a crer naquilo. Mas Júlio minimizou a situação. *Ei, guri, isso aqui é só pra me defender, certo? Não te preocupa. Nunca vou usar isso,* ele disse, exibindo a arma. *Tu sabe que passar a vida na miséria é foda. Tu sabe muito bem o que a gente teve que aguentar naquele fim de mundo, e eu não vou passar por isso de novo, mano. Não vou ficar aqui passando fome, tá ligado?* Ao escutar aquilo, Juarez até se sentiu mal por ter condenado o irmão daquela forma. Afinal, ele sabia o que era passar fome. Talvez Júlio tivesse razão. *Voltar a ser*

miserável, voltar a não ter o que comer, a não ter o que vestir, não, isso não. Em algumas semanas, Juarez foi convencido e começou a vender drogas junto com o irmão. Quando você sai da escola, tem a sensação de que fracassou novamente com os alunos. O menino que vomitou em você ficou bem. Mas você não. Ir para casa é uma das poucas coisas que te dão prazer ultimamente. Você também deixou de ir ao terreiro da Mãe Teresa de Iemanjá. Primeiro, a desculpa foi falta de tempo, depois você se acomodou, e a única coisa que você preservava de sua fé era o seu Ogum, simbolizado num ocutá, que você punha atrás da porta. Ao chegar, abre a geladeira e lá dentro não há nada além de uma garrafa de água e sachês de mostarda. Sobras de um cheesebúrguer que você pediu ontem. Precisa ir ao supermercado. Você continua olhando para a geladeira e lembra que agora aquele espaço vazio é uma opção sua, porque teve preguiça de ir ao supermercado, enfrentar fila e tudo mais. Hoje você tem um pouco mais de dinheiro, mas não tem paciência. Você volta a lembrar do Juarez quando também tinha a geladeira vazia. Na época seu amigo já havia terminado o ensino médio e começara a trabalhar numa rede de supermercados como empacotador. Doze horas por dia. Ganhava pouco. Muito pouco, só o suficiente para pagar um quartinho que dividia com outro rapaz. Um dia, você e o Juarez foram a uma danceteria. Ele disse a você que estava preocupado com o irmão vendendo drogas. E que ele tinha medo de continuar naquela vida. Não te contou que também havia começado a vender drogas. Aquela era a danceteria preferida de vocês. Tocava muita coisa: charme, rap e funk. Tim Maia e Racionais MC's eram o ponto alto da festa. Vocês treinavam os passinhos de dança em casa, para chegar lá e impressionar as garotas. Na época, vocês sabiam que só teriam chance com elas se soubessem dançar. Ao som do “Rap da diferença” (“Qual a diferença entre o charme e o funk...”), vocês começa-

vam a circular pelo salão atrás das meninas. Mas acontece que vocês nunca eram bem-sucedidos. Vocês eram magros demais, feios demais. Então, para compensar, vocês reboavam, suavam e nunca erravam os passinhos. Mesmo assim vocês não tinham chance. Faltava em vocês o carisma dos pegadores. As garotas simplesmente não olhavam para vocês. A noite avançava, e você e o Juarez iam embora sem ter ficado com ninguém. E foi assim durante quase toda a adolescência. Na saída das danceterias, já ao amanhecer, vocês ainda tinham de escolher entre comer um cachorro-quente e pegar um ônibus para ir para casa. Mas a fome era maior. Vocês então voltavam a pé para casa e dividiam um cachorro-quente. Vocês eram jovens, portanto uma caminhada de cinquenta minutos, após uma noite correndo atrás das meninas e executando passinhos, não era grande coisa. Quando você chegava, sua mãe abria a porta, dizia que não tinha dormido porque havia passado a noite inteira preocupada, que a cidade de Porto Alegre estava ficando muito violenta. Você a escutava, com paciência, mas tudo que você queria era deitar na sua cama, se masturbar e dormir. E era isso que você fazia. Aliás, você descobriu a masturbação por volta dos dez anos, e desde então aprendeu o quanto ela te fazia bem, em determinados momentos. Aos dez anos você ainda não ejaculava, mas, nas primeiras vezes que se masturbou, você não fazia ideia de que essa prática seria a sua companheira de solidão. Depois de se masturbar pensando nas garotas que você tinha acabado de ver e não te deram a mínima, uma espécie de vazio seguido de sonolência e lassidão tomava conta do seu corpo. Agora, passados tantos anos da sua adolescência, toda vez que você acorda e põe a mão ao lado na sua cama, você se pergunta se não deveria ter insistido com Elisa. Se não deveria tê-la perdoado. Mas não, você se tornou orgulhoso demais. Você tem cinquenta e dois anos e não sabe mais perdoar. Você levanta, é sábado, dia ensolarado. Vai

dar uma volta pelas ruas de Porto Alegre. Você põe os fones de ouvido e sai escutando “Abundantemente morte”, do Luiz Melodia.



JEFERSON TENÓRIO nasceu no Rio de Janeiro, em 1977. Radicado em Porto Alegre, é doutorando em teoria literária pela PUCRS. Estreou na literatura com o romance *O beijo na parede* (2013), eleito o livro do ano pela Associação Gaúcha de Escritores. Teve textos adaptados para o teatro e contos traduzidos para o inglês e o espanhol. É autor também de *Estela sem Deus* (2018). *O avesso da pele* é sua estreia na Companhia das Letras.

